

---

## Da *manosphere* ao Vale do Silício: sistematização da violência digital contra mulheres jornalistas<sup>1</sup>

Giovana Braga KEBIAN<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

### RESUMO

Agressões digitais contra mulheres jornalistas se tornaram parte da rotina de inúmeras profissionais da imprensa nos últimos anos. Elas são vítimas de ataques massivos, publicados por perfis anônimos, que utilizam linguagem pejorativa, machista e misógina. Este trabalho buscou investigar como se manifesta a sistematização da violência contra mulheres jornalistas no ambiente digital. Por meio de uma pesquisa teórica, argumentou-se que as agressões se baseiam na gramática originária da esfera masculina da internet, a orientada pela filosofia *The Red Pill*. Além disso, considera-se que a arquitetura das redes sociais digitais, mediada pela ideologia do Vale do Silício, é apropriada por movimentos de extrema-direita que atacam jornalistas por desempenharem uma posição privilegiada na opinião pública.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulheres jornalistas; violência digital; esfera masculina; misoginia online; Vale do Silício.

### Ataques a mulheres jornalistas se alastram nas redes

A violência digital contra mulheres jornalistas se tornou um dos fenômenos contemporâneos mais expressivos entre as manifestações e agressões contra o jornalismo e a liberdade de imprensa. Em um estudo realizado pela Unesco e organizado por Posetti et al. (2022) com respondentes de diferentes partes do mundo, quase 75% das mulheres jornalistas e comunicadoras afirmaram já terem sofrido algum tipo de violência *online*, como ofensas em seus perfis, ameaças de estupro e morte e publicação não consensual de dados pessoais. Já em um monitoramento realizado pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (2022), foram identificados 119 ataques contra mulheres jornalistas em 2021, dos quais 38% foram considerados ataques de gênero, tipo de agressão que “se apoia na sexualidade ou na identidade de gênero para atacar seu alvo” (ABRAJI, 2022).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão do XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação e Cultura no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM/UFRJ). Jornalista pela Escola de Comunicação da UFRJ, email: giovanakebian.ufRJ@gmail.com.

---

Em uma série de entrevistas à revista *Gênero e Número*, jornalistas como Juliana Dal Piva, do portal *UOL*, Vera Magalhães, do *Estado de S. Paulo* e Schirlei Alves, *freelancer*, deram seus depoimentos sobre as agressões digitais que sofreram. Todas chamam atenção para o fato de terem recebido uma avalanche de mensagens, com conteúdo que varia entre o machismo, a descredibilização profissional e a sugestão de uma determinada inclinação política, como explicita Dal Piva (CRUZ, 2022):

Para nós, mulheres, é misógino, é ofensa. A pessoa ali tem pouco mais de 200 caracteres. O automático é uma palavra, né? Chamando de “vagabunda” ou “burra”, aí tem as desqualificações no sentido de você parecer novinha demais pra eles, então “estagiária” e variações disso; aí vêm os xingamentos que não são gênero, mas que também aparecem muito que é “jornalista”, “extrema imprensa”, “Globo lixo”, mesmo se você não é da empresa, entende?

Uma ainda tímida literatura que passou a se dedicar ao fenômeno da violência contra mulheres jornalistas nas redes sociais digitais vêm destacando o conteúdo hipersexualizado, violento e misógino das mensagens que mulheres jornalistas em diferentes partes do mundo (REGO, 2018; KOIRALA, 2020; CHEN et al., 2018). Koirala (2020) argumenta que as agressões digitais sexistas são intencionalmente promovidas para reforçar o patriarcado, sistema no qual é esperado que as mulheres sejam submissas aos homens. Chen et al. (2018) se atenta tanto à existência de conteúdo sexista mais hostil, misógino e pejorativo em relação às mulheres, com forte apelo à violência sexual, quanto à presença de conteúdo que promove estereótipos em relação ao lugar e à posição das mulheres. No Brasil, tornou-se comum jornalistas serem taxadas de “putas”, “burras” e “vadias”, já em países de língua inglesa, a expressão “*pressitute*”, junção dos termos “press” (imprensa) e “prostitute” (prostituta) se popularizou entre os agressores.

Um dos casos mais emblemáticos talvez tenha sido o da repórter Patrícia Campos Mello, da *Folha de S. Paulo*. Em 2020, ela recebeu uma enxurrada de mensagens agressivas em suas redes, após a repercussão de uma declaração falsa alegando que a jornalista havia se oferecido sexualmente em troca de informação. O então presidente Jair Bolsonaro chegou a dizer que a jornalista “queria dar o furo”, mote para a criação de inúmeros memes misóginos e sexistas que promoviam julgamentos acerca do seu suposto comportamento sexual, como a própria Patrícia escreve em seu relato:

Em fevereiro de 2020, várias imagens ofensivas como esse vídeo começaram a circular nas redes sociais. Em uma delas, uma mulher aparece nua, com as

---

pernas abertas, com uma pilha de notas de dólar. Em outra, o rosto dessa mesma mulher aparece com a legenda: “*Folha da Puta*, tudo por um furo, você quer o meu? Patrícia, Prostituta da *Folha de S. Paulo* - troco sexo por informações de Bolsonaro”. (CAMPOS MELLO, 2020, p. 78)

Autores como Posetti et. al. (2022) chamam atenção à forte relação entre os ataques a mulheres jornalistas e o alto grau de desinformação e teorias conspiratórias nos discursos dos agressores. Lucina Di Meco (2023) cunha o termo desinformação de gênero para designar informação inexata ou falsa que atinge as mulheres, enraizadas no sexismo. A autora sinaliza que ao se destinarem às mulheres, estas agressões, no geral, não fazem parte do debate público legítimo, mas assumem um caráter pessoal, buscando silenciá-las como opositoras.

Em larga medida, o agravamento de atos de violência *online* contra mulheres jornalistas também está relacionado ao espaço no qual a violência se manifesta. Waisbord (2020), Chen et al (2018) e Koirala (2020) demonstram que a incorporação da internet e das plataformas de mídia social às rotinas jornalísticas tornou o acesso às profissionais da imprensa mais fácil por parte da população no geral, que se manifesta muitas vezes por meio de perfis anônimos ou até falsos. Uma pesquisa do Repórteres Sem Fronteiras em parceria com o Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio (RSF, ITS, 2018), que analisou meio milhão de ataques contra jornalistas no *Twitter*, identificou a presença de 3,9% de perfis com alta probabilidade de serem robôs. Apesar do número baixo, estas contas foram responsáveis por cerca de 20% de todo o conteúdo publicado, sugerindo a forte influência que estes perfis possuem no debate público *online*. A mesma pesquisa ainda apontou que a quantidade de *tweets* mencionando mulheres jornalistas foi 13 vezes maior do que aquela mencionando homens, assim como a incidência de termos depreciativos foi 50% maior quando direcionada a profissionais do gênero feminino.

Apesar de as agressões contra a imprensa não serem um fenômeno novo e, menos ainda, a violência de gênero estrutural da sociedade patriarcal, há uma certa singularidade na forma que este tipo de violência se manifesta. Estes ataques operam de maneira coordenada, orquestrada e sistematizada, têm uma magnitude extensa, produzindo uma quantidade imensurável de mensagens que desacreditam, marginalizam e estereotipam seus alvos, operando como “assassinos de reputações” (CAMPOS MELLO, 2020). Além disso, apresentam um conteúdo fortemente hostil, violento, explícito e misógino, que

---

constantemente se apoiam em outros recursos midiáticos para atacar seus alvos, preferencialmente mulheres.

Dessa forma, este artigo buscou compreender como estas mulheres jornalistas são atacadas sistematicamente nas redes sociais digitais. Por meio de uma pesquisa teórica, argumenta-se que (1) os ataques digitais a mulheres jornalistas têm em suas raízes a violência de gênero e estabelecem uma gramática característica da misoginia *online* originária de fóruns anônimos da subcultura da internet e (2) a arquitetura das redes sociais digitais mediada por uma ideologia meritocrática, individualista, libertária e pós-racialista condiciona a performance das plataformas de mídia social e é apropriada por movimentos de extrema-direita que atacam jornalistas por desempenharem uma posição privilegiada na opinião pública.

### **O discurso *Red Pill* nos ataques a mulheres jornalistas**

No final dos anos 90 e início dos anos 2000, a internet e, especialmente, as redes sociais digitais emergem com a premissa de potencializar a comunicação entre diferentes indivíduos em espaços-temporais distintos, ampliar o acesso à informação e criar uma espécie de esfera pública expandida. A promessa de um espaço mais democrático, a ideia de uma ágora eletrônica, é colocada em xeque na medida em que a internet e as redes sociais digitais passaram a ser utilizadas para a promoção do ódio, especialmente contra grupos minoritários.

Thorleifsson (2022) identifica que determinadas características do ambiente digital, como o anonimato e a falta de moderação do discurso *online*, tornaram as plataformas de mídia social propícias para o fomento de comunidades alternativas que propagam ideias ultranacionalistas, misóginas, racistas e supremacistas brancas. Da mesma maneira, Santos e Santos (2022) demonstram que as redes sociais digitais podem potencializar tensionamentos e desigualdades já existentes no mundo *offline*.

Uma dessas expressões seria a criação de uma esfera masculina (*manosphere*): um conjunto de sites e fóruns anônimos acessados por uma subcultura da internet onde a masculinidade exacerbada é utilizada como capital simbólico, criando um terreno fértil para manifestação de um discurso que estigmatiza, ridiculariza, objetifica e humilha as mulheres a qualquer custo. Marwick e Lewis (2017) afirmam que a esfera masculina pode, inclusive, radicalizar a tendência de homens cometerem atos de violência contra

---

mulheres e que, apesar de se apresentarem no espaço digital, se propagam e perpetuam para o espaço físico, em atos de violência física, psicológica, sexual e até mesmo em episódios de feminicídio.

Os sites *reddit*<sup>3</sup> e *4chan*<sup>4</sup> são importantes ferramentas constituidoras da esfera masculina. Ambos são divididos em tópicos de discussão e mobilizam milhares de publicações diárias visualizadas por milhares de visitantes mensais – que são apagadas todos os dias. Cada tópico possui regras próprias (como, por exemplo, evitar que saia do assunto central definido) e o criador do tópico, intitulado *imageboard*, é o responsável pela moderação da discussão. Neste espaço, é comum a mobilização de tópicos que tratam sobre o papel da mulher na sociedade, sua relação com o homem e o feminismo, em uma abordagem disruptiva defendida pela filosofia *The Red Pill* (VAN VALKENBURGH, 2022; SANTOS, SANTOS, 2022).

Segundo Van Valkenburgh (2022), esta filosofia acredita que o feminismo seria uma estratégia sexual, na qual as mulheres requerem liberdade a fim de poder selecionar seus parceiros sexuais estrategicamente, como aqueles que possuem melhores genes para reprodução e aqueles que possuem melhores condições financeiras para construção de uma família. Segundo essa perspectiva, a grande ilusão que aliena os homens é a da subalternidade da mulher em relação ao homem e a criação do “mito da opressão feminina”. O feminismo, portanto, seria uma ferramenta para encobrir a verdadeira opressão e exploração masculina, que se manifesta em um nível individual, biológico e microeconômico das relações sociais e sexuais.

De acordo com essa ideologia, os homens teriam sido enganados a vida inteira, especialmente aqueles considerados “machos *beta*” (homens que serviriam apenas para fornecer suporte financeiro e emocional), preteridos em relação aos “machos *alpha*”, cujas características incluiriam virilidade acentuada, sexualidade exacerbada e aparência física musculosa. A partir dessa premissa, *The Red Pill* orienta que os homens podem decidir “tomar a pílula vermelha” (em referência ao filme *Matrix*) e também adotarem uma estratégia sexual, chamada de *game*, se conscientizando da verdadeira exploração masculina e promovendo uma resposta à ditadura opressora feminista.

---

<sup>3</sup> Rede social composta por diversos fóruns temáticos que os próprios usuários propõem discussões. Cada um dos fóruns é chamado de *subreddit* e pode atender um público como fãs de um artista ou usuários de um *software*.

<sup>4</sup> Rede social com funcionamento similar ao *reddit*. Tem como características ser um fórum de texto e imagem, baixa mediação, grande presença de perfis anônimos, publicação de memes e compartilhamento de informações falsas.

---

Se as mulheres supostamente têm preferência pelos chamados homens *alpha*, então os homens devem mimetizar o comportamento destes, tanto sua confiança, quanto sua aparência física. Neste sentido, o culto ao corpo torna-se um elemento importante desta filosofia – não por uma preocupação com a saúde física e bem estar mental, mas supostamente porque esta estratégia de sedução fará com que eles se coloquem em vantagem diante da opressão e exploração feminina. Outro ponto fundamental desta estratégia consiste em um comportamento racional dos homens em suas relações afetivas e sexuais, encorajando demonstrações de masculinidade e reprimindo comportamentos emotivos, para evitar que, dentro do mercado sexual das relações sociais, eles sejam confundidos com os chamados *betas*.

Van Valkenburgh (2021) aponta que todo o argumento presente no discurso *The Red Pill* se apropria de uma ideologia econômica neoliberal aplicada às relações sexuais. De acordo com a teoria do liberalismo econômico clássico, os indivíduos são livres para – dentro das possibilidades do mercado – realizar a melhor escolha de um produto (preço, qualidade, durabilidade, custo-benefício etc). Nesta mesma lógica, uma comunidade heterossexual é considerada um grande mercado e seus indivíduos devem utilizar de estratégias racionais para realizar a melhor escolha ao manter relações sexuais. Em outras palavras, os indivíduos também teriam um valor sexual dentro do mercado, e os corpos humanos são quantificados sexualmente, “reduzindo-os a valores-de-troca racionalizados e tornando-os comensuráveis no mercado sexual”<sup>5</sup> (VAN VALKENBURGH, 2021, p. 98, tradução nossa).

---

<sup>5</sup> No original: reducing them to rationalized exchange values and rendering them commensurable in the sexual market place.

**Figura 1** – Comentário publicado no reddit



**Fonte:** Reddit, Online, 2017<sup>6</sup>

O exemplo acima ilustra a misoginia presente na publicação em um dos subfóruns do site *reddit*. O autor se mostra revoltado porque o termo “*pussy*” é designado tanto para gatinhos quanto usado como gíria para o órgão genital feminino. Ele alega que isso é um absurdo uma vez que gatos são muito melhores que mulheres e não é possível equiparar o termo com “um pedaço de carne sangrenta em formato de taco” (tradução nossa) que as mulheres possuem.

Nesta mesma linha influenciada pela filosofia *The Red Pill*, surgem os autoproclamados “celibatários involuntários” (*incels*). Segundo Santos e Santos (2022), os *incels* são “homens que se sentem rejeitados por mulheres e acabam assumindo posturas misóginas e atitudes hostis contra elas, utilizando principalmente as comunidades on-line para disseminar seu ódio generalizado e purgar seu ressentimento” (SANTOS, SANTOS, 2022, p. 1089).

A linguagem utilizada dentro dos tópicos de discussão do *4chan*, onde há forte presença de *incels*, é baseada na criação de memes, pegadinhas e piadas, o que facilita a adesão da comunidade a um conteúdo altamente irônico que ataca e culpabiliza mulheres por não expressarem interesse naqueles homens que estabelecem uma determinada “masculinidade alternativa” (THORLEIFSSON, 2022, p. 290). O apelo ao humor (ou daquilo que supostamente deveria ser considerado humor) promove uma diminuição nas barreiras para aceitação e corroboração da misoginia nesses espaços, unindo uma comunidade de *incels* supostamente injustiçados pelos *normies* e pela cultura feminista opressora.

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.reddit.com/r/IncelTears/comments/6ptdcu/whats\\_a\\_roastie/](https://www.reddit.com/r/IncelTears/comments/6ptdcu/whats_a_roastie/) Acesso em 25 jul 2023.

**Figura 2 - Manifestação de conteúdo *incel***

### The #metoo tag

Should include reverse rape. It's a serious problem that's just as bad and just as, if not more, common than what people usually refer to as rape, and it is a form of rape.

Let me educate you all here a second, because unfortunately, reverse rape is often overlooked and ignored.

Reverse rape is when someone refuses to date someone else because of their appearance, weight, race, because they're trans, or for whatever other biased reason they might have. It's denying love and affection to someone who they would otherwise choose to date in an instant, but because of transphobia, fatphobia, racism, or other issues of oppression, they engage in reverse rape. It can be VERY harmful and cause lasting emotional trauma and insecurity, much like the typical meaning of the word rape.

Victims of reverse rape are still rape victims. It's a serious matter and it makes me so depressed to see how it's always overlooked and victims of reverse rape aren't taken seriously.

**Fonte:** Vice, Online, 2017<sup>7</sup>

No exemplo acima, o autor do conteúdo no portal reddit afirma que o movimento #MeToo, que impulsiona a quebra do silêncio de vítimas de violência sexual, deveria incluir também a pauta do *estupro reverso*. Segundo ele, o estupro reverso acontece quando alguém rejeita se relacionar com outra pessoa devido a sua aparência, raça, porque aquela pessoa é trans ou qualquer outra razão. O ressentimento manifesta-se explicitamente na medida em que o usuário diminui a seriedade dos traumas de vítimas de estupro e busca inverter os sentidos, acusando as mulheres que o recusaram como perpetuadoras de uma suposta violência.

Estas comunidades, que inicialmente se organizam em nichos específicos da subcultura da internet, já vêm rompendo as barreiras e se adentrando no ambiente digital *mainstream*, produzindo ameaças a grupos minoritários nesses espaços (SANTOS, SANTOS, 2020). Ainda que a esfera masculina brasileira seja tímida em relação à estadunidense, a gramática masculinista e misógina presente nestes fóruns pode ser observada nos ataques digitais às mulheres jornalistas. Muitos dos comentários

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/gyj3yw/como-o-reddit-esta-ensinando-homens-jovens-a-odiar-mulheres> Acesso em 25 jul 2023.



publicados nas redes destas profissionais sequer se relacionam com a matéria noticiada, mas colocam ênfase no gênero a fim de criticá-las. Há também, no pano de fundo desses ataques, a tentativa de criar um pertencimento a uma comunidade, ainda que esta seja um grupo que promove ódio contra mulheres.

No exemplo abaixo, o comentário publicado contra Patrícia Campos Mello no *Twitter* à época da CPMI da *Fake News* ilustra de maneira clara o uso dos recursos da esfera masculina para atacar a jornalista. A presença de um *meme*, o apelo irônico, a ridicularização da situação e, evidentemente, o forte machismo ao sugerir que com um cartão de crédito intitulado “Xerecard” a jornalista teria passe livre para fazer o que quisesse:

**Figura 3** – Agressão contra Patrícia Campos Mello



**Fonte:** Twitter, Online, 2020<sup>8</sup>

Marwick e Lewis (2017) apontam que apesar dos *incels*, ativistas dos direitos masculinos, extremistas de direita e supremacistas brancos divergirem em suas crenças, eles compartilham táticas comuns para conseguir adesão em seus movimentos. Segundo as autoras, para aumentar a visibilidade de suas ideias, eles fazem uso das redes sociais digitais, de memes e perfis automatizados, assim como atacam jornalistas, blogueiros e influenciadores para facilitar a disseminação de suas ideologias. Cabe, no entanto,

<sup>8</sup> Disponível em: [https://twitter.com/meddeiros\\_fabio/status/1227325530501976065](https://twitter.com/meddeiros_fabio/status/1227325530501976065). Acesso em 06 jul 2023.

---

compreender por que estes movimentos têm tanta facilidade em se disseminar no espaço digital, o que faremos adiante.

### **Vale do Silício: criando plataformas propícias à violência**

O advento da internet, o avanço na criação de inovações tecnológicas em um tempo cada vez mais encurtado por um preço cada vez mais acessível e a consolidação do Vale do Silício como uma incubadora de grandes companhias tecnológicas de sucesso culminou no surgimento de uma classe virtual formada por programadores, engenheiros de *softwares* e desenvolvedores digitais. Richard Barbrook e Andy Cameron (2018) identificam na região da Costa Oeste californiana a formação de uma elite tecnológica, moldada pelos ideais de liberdade individual, supervalorização do trabalho, meritocracia e anti-estatismo.

Segundo os autores, a ideologia do Vale do Silício sofreu grande influência dos *hippies* radicais na década de 1970. “Eles defendiam ideais progressistas, universais e racionais, como a democracia, tolerância, auto-satisfação e justiça social” (BARBROOK, CAMERON, 2018, p.14). Ao mesmo tempo, alguns dos membros da classe virtual, inspirados pelos ideais de Marshall McLuhan, se alinhavam ao determinismo tecnológico e acreditavam que o progresso tecnológico e a convergência midiática eram possíveis de criar um espaço livre de censura, onde todos poderiam expressar suas opiniões, uma espécie de “ágora eletrônica”.

Barbrook e Cameron argumentam que estes trabalhadores, apesar de serem bem pagos e terem uma certa autonomia sobre seu ritmo de trabalho, possuíam contatos de trabalho sem longa duração. Assim, sem o tempo livre dos *hippies* que se dedicavam à construção da ecotopia, a busca pela auto-satisfação da classe virtual recaiu principalmente no trabalho. “Em lugar da liberdade coletiva visada pelos radicais hippies, eles defendiam a liberdade dos indivíduos no mercado” (BARBROOK, CAMERON, 2018, p. 18).

Abandonando a ideia da criação de uma ágora eletrônica, mas fiéis ao determinismo tecnológico, os pensadores da Costa Oeste passam a entender que a convergência midiática produz um mercado eletrônico que substitui o “monopólio natural” das relações capitalistas tradicionais por um espaço onde competição é a regra. Neste ambiente de supervalorização do trabalho e de hiperindividualização das relações

---

sociais, o mérito e o esforço individual constituem premissas para o sucesso e, portanto, recusa-se qualquer tipo de intervenção estatal e regulamentação no ciberespaço, que deve seguir as regras naturais da competição.

Acrescida à ideologia neoliberal anti-estatista, Safiya Umoja Noble e Sara T. Roberts (2019) chamam atenção para a presença de um pensamento pós-racialista calcado em mitos raciais e meritocráticos presentes no discurso da elite tecnológica. Segundo as autoras, “o pós racialismo se encaixa em uma postura neoliberal antirregulatória e em um sistema de crenças tecnolibertárias de que as soluções tecnológicas podem remediar os males sociais” (NOBLE, ROBERTS, 2019, p. 37). Trata-se de uma ideologia do século XXI que exclui quaisquer conflitos sociais históricos presentes na sociedade, buscando argumentar que pode-se tratar dos problemas cotidianos a partir de uma abordagem universal da tecnologia, perspectiva essa que restabelece uma normatividade branca que não pode ser contestada.

Nesse sentido, as autoras identificam o racismo presente na estrutura das empresas do Vale do Silício, que possui uma baixíssima representatividade de pessoas não brancas e mulheres. Elas chamam atenção que o discurso das elites tecnológicas sequer tenta contornar o quadro de sub-representação, pessoas em altos cargos saem em defesa da não intervenção estatal para promoção de políticas públicas que promovem algum tipo de inclusão.

Além de negar a participação de pessoas negras e sub-representadas nesses espaços, essas empresas criam plataformas cuja interface permite o anonimato, se opõe a mediação discursiva e facilita o ódio racial, o fascismo, o neonazismo, perpetuando exclusões de raça, gênero e etnia. O pós-racialismo “sustenta o pensamento problemático de parte de uma elite tecnológica do Vale do Silício que é homogênea em termos de raça, formação e classe, e cujas escolhas de design e fabricação de produtos têm implicações para as populações de todo o mundo.” (NOBLE, ROBERTS, 2020, p. 42).

A arquitetura das redes sociais digitais, mediada por algoritmos, privilegia determinados discursos em detrimento de outros. Wardle e Darakshan (2017) argumentam que o funcionamento das plataformas de mídia social acabam criando bolhas de filtro, que condicionam o conteúdo que temos acesso de acordo com o nosso engajamento. Quanto maior o número de interações um conteúdo tiver (curtidas, comentários, compartilhamentos), mais visível ele se torna no ciberespaço, mesmo que esta informação seja falsa ou inexata ou contenha discurso de ódio a um grupo social. Ao

---

mesmo tempo, toda a nossa atividade nas redes produz rastros digitais, que geram dados armazenados pelas companhias *hi tech*. Estas informações passam a ser monetizadas, permitindo que as empresas tecnológicas distribuam e direcionem um conteúdo que se torna visível de acordo com os interesses de cada um.

Desta forma, ao não compreender as relações hierárquicas de gênero, raça e sexualidade como questões que interferem na experiência digital dos indivíduos, as redes sociais digitais facilitam a manifestação do discurso de ódio contra mulheres jornalistas, cujos desenvolvedores não se interessam em frear um fenômeno que permanece promovendo interações e podendo ser monetizado. Da mesma maneira, segundo a lógica de hiperindividualização das plataformas, uma vez que cada indivíduo possui liberdade para publicar qualquer conteúdo, assim como para agenciar as informações que deseja consumir, não seria de responsabilidade dessas empresas garantir a autenticidade das informações, abrindo espaço para a circulação de conteúdo e perfis com alto grau de desinformação.

Embora o grau de influência do jornalismo na opinião pública possa ter se alterado nos últimos anos, trata-se ainda de uma profissão privilegiada para enunciar e promover sentidos comuns dentro da sociedade. Dessa forma, observa-se que os mecanismos das plataformas de mídia social são apropriados por movimentos de extrema-direita a fim de orquestrar ataques coordenados contra jornalistas, buscando disputar os discursos predominantes na opinião pública. É importante notar, neste sentido, que em 2022, a cobertura política foi responsável por 62,7% das agressões contra jornalistas no Brasil, segundo um levantamento da Abraji (2023).

### **Considerações finais**

A violência contra jornalistas tornou-se um problema central na rotina dos e das profissionais da imprensa devido à ascensão de ataques nos últimos anos, especialmente aqueles promovidos por lideranças políticas de extrema direita. Neste sentido, as redes sociais digitais tornaram-se um ambiente fundamental para manifestação das agressões hostis, espaço no qual os ataques se proliferam de maneira coordenada, orquestrada e sistematizada. O anonimato e a ausência de mediação das plataformas digitais são alguns dos elementos que possibilitam a fácil disseminação de ataques que se alastram nas redes provocando inúmeros prejuízos à vida pessoal e profissional dos e das jornalistas.

---

Diante deste cenário de agravamento das hostilidades contra a imprensa, as mulheres jornalistas constituem as vítimas mais vulneráveis. Além de serem alvo preferencial dos agressores digitais, os ataques contra as profissionais da imprensa e comunicadoras mobilizam estereótipos de gênero e sexualidade para atingir, menosprezar e humilhar as jornalistas. Observa-se um forte apelo de linguagem sexista, uso de memes, termos e expressões explícitas, além de referências violentas e sexuais – táticas ausentes quando os ataques são dirigidos aos jornalistas homens. É importante notar ainda que boa parte deste conteúdo vem acompanhado de informações inexatas ou falsas e teorias conspiratórias, além de, frequentemente, serem promovidos por perfis anônimos e/ou automatizados.

Diante das peculiaridades deste fenômeno, este artigo realizou um esforço teórico ao identificar dois planos fundamentais que possibilitam a orquestração das agressões. Em primeiro lugar, está a violência de gênero que se exacerba em ataques personalizados *online*, se apropriando do discurso presente na esfera masculina da internet, influenciado pela filosofia *The Red Pill*. Como vimos, esta ideologia difunde a ideia de que o feminismo manipula a verdadeira opressão masculina existente e busca disseminar estratégias para reverter a exploração promovida por mulheres. Parte desta tática sugere que os homens devam reprimir suas emoções e adotar um comportamento racional nas relações sociais, ranqueando mulheres tais como meras *commodities* dentro do “mercado sexual”. Outra tática significativa nestas comunidades subalternas nutre sentimentos de ódio, aversão e ressentimento às mulheres por não apresentarem interesse sexual em homens que performam masculinidade alternativa. De ambas as maneiras, forma-se uma ideologia masculinista, machista e misógina que já irrompe as comunidades de nicho se apresentando nos espaços comuns da internet.

Em segundo lugar, há que considerar a ideologia do Vale do Silício um fator-chave para compreender o funcionamento das plataformas de mídia social, cuja mediação algorítmica se nutre dos ataques e discursos de ódio. Características como o anonimato e a falta de mediação das plataformas foram arquitetados a partir de uma perspectiva individualista, neoliberal, meritocrática e pós-racialista. Os mecanismos dessas plataformas são apropriados por movimentos de extrema-direita, muitas vezes sob orientação de governos, como uma tentativa de controle da produção discursiva em oposição ao discurso jornalístico, uma vez que a profissão exerce uma posição privilegiada dentro da opinião pública. Por outro lado, a ideologia do Vale do Silício, não

leva em consideração que acesso dos cidadãos à internet é mediado por relações hierárquicas de gênero, raça, etnia e sexualidade, isentando-se da obrigação de regulamentar manifestações de ódio e desinformação nesses espaços.

Como consequência, cria-se um ambiente para a proliferação do ódio, sexismo, ideais de supremacia branca, fascistas e pós-racialistas que se manifestam por meio de ataques massivos e orquestrados contra mulheres jornalistas. Uma vez que a profissão depende cada vez mais do uso da internet e das redes sociais – seja para apuração, contato com fontes, divulgação de matérias ou engajamento com audiências –, ser mulher e jornalista tornou-se um verdadeiro impasse para exercício da profissão e para garantia dos direitos à liberdade de expressão, à comunicação e à informação.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO (ABRAJI). **Violência de gênero contra jornalistas: dados sobre ataques com viés de gênero e casos que vitimaram mulheres no Brasil em 2021**. ABRAJI, 2022. Disponível em: <https://abraji.org.br/publicacoes/relatorio-violencia-de-genero-contra-jornalistas>. Acesso em: 22 jun 2023.

\_\_\_\_\_. **Monitoramento de ataques a jornalistas no Brasil - relatório 2022**. ABRAJI, 2023. Disponível em: [https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication\\_info/details\\_file/4d6cb1b2-ca1a-4d7b-9c7b-1edcea1bb294/ABRAJI\\_Monitoramento\\_de\\_ataques\\_a\\_jornalistas\\_no\\_Brasil\\_2022\\_PT.pdf](https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/4d6cb1b2-ca1a-4d7b-9c7b-1edcea1bb294/ABRAJI_Monitoramento_de_ataques_a_jornalistas_no_Brasil_2022_PT.pdf). Acesso em: 22 jun 2023.

BARBROOK, R.; CAMERON, A. The Californian ideology. **Science as Culture**, n. 6, v. 1, p. 44-72, 1996.

CAMPOS MELLO, P. **A Máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 11a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CHEN, G.; PAIN, P.; CHEN, V.; MEKELBURG, M.; SPRINGER, N.; TROGER, F. ‘You really have to have a thick skin’. **Journalism**, v. 21, n. 7, p. 877-895, 2018.

ENGEL BRONOSKY, M., O. RIOS, A. Violência contra jornalistas, ameaça à sociedade. **Revista Mosaico, Violência política: as múltiplas faces do Estado e as suas formas de agressão**, v. 11, n. 17, p. 48-63, 2019.

DI MECO, L. **Monetizing Misogyny: Gendered Disinformation and the Undermining of Women’s Rights and Democracy Globally**. She Persisted: relatório *online*, fev de 2023. Disponível em: [https://she-persisted.org/wp-content/uploads/2023/02/ShePersisted\\_MonetizingMisogyny.pdf](https://she-persisted.org/wp-content/uploads/2023/02/ShePersisted_MonetizingMisogyny.pdf). Acesso em: 05 jul 2023.

---

CRUZ, A. S. G. “**Não deixo de trabalhar em ambiente hostil, mas me incomoda não poder me identificar como jornalista**”. *Gênero e Número*, 25 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.generonumero.media/entrevistas/entrevista-schirlei-alves/> Acesso em: 07 jul 2023.

KOIRALA, S. Female journalists’ experience of online harassment: A case study of Nepal. *Media and Communication*, v. 8, n. 1, p. 47-56, 2020.

MARWICK, A.; LEWIS, R. Media Manipulation and Disinformation Online. **Relatório Online: Data & Society Institute**, 2017. Disponível em: [https://datasociety.net/wpcontent/uploads/2017/05/DataAndSociety\\_MediaManipulationAndDisinformationOnline-1.pdf](https://datasociety.net/wpcontent/uploads/2017/05/DataAndSociety_MediaManipulationAndDisinformationOnline-1.pdf) Acesso em 21 jul 2022.

NOBLE, S.U.; ROBERTS, S.T. Technological Elites, the Meritocracy, and Postracial Myths in Silicon Valley, In: MUKHERJEE, R.; BANET-WEISER, S.; GRAY, H. **Racism Postrace**, Duke University Press, p. 113-134, 2019.

POSETTI, J; SHABBIR, N; MAYNARD, D; BONTCHEVA, K; ABOULEZ, N. The Chilling: **Global trends in online violence against women journalists. Research discussion paper**. Unesco, 2022.

REGO, R. Changing Forms and Platforms of Misogyny: Sexual Harassment of Women Journalists on Twitter. **Media Watch Journal**: v. 9, n. 3, p. 472-485, 2018.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS (RSF), INSTITUTO DE TECNOLOGIA E SOCIEDADE DO RIO (ITS). **Ataques ao jornalismo se alastram nas redes**. RSF, ITS, 2021. Disponível em: [https://rsf.org/sites/default/files/relatorio\\_ataqueaojornalismo\\_rsf\\_3.pdf](https://rsf.org/sites/default/files/relatorio_ataqueaojornalismo_rsf_3.pdf) Acesso em: 20 jul 2023.

SANTOS, A.; SANTOS, M. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 03, p. 1081-1102, 2022.

THORLEIFSSON, C. From cyberfascism to terrorism: On 4chan /pol/ culture and the transnational production of memetic violence. **Nations and Nationalism**, n.28, p. 286–301, 2022.

VAN VALKENBURGH, S. P. Digesting the Red Pill: Masculinity and Neoliberalism in the Manosphere. **Men and Masculinities**, v.24, n.01, p. 84-103, 2021.

WAISBORD, S. Mob censorship: online harassment of US journalists in times of digital hate and populism. **Digital Journalism**, v. 8, n. 8, p. 1030-1046, 2020.

WARDLE, C., DERAKSHAN, H. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Council of Europe report, 2017.